

Universidade, Globalização e a Ecologia dos Saberes

Leonardo Avritzer

O Professor Boaventura de Sousa Santos é autor de uma obra que tem se tornado uma das principais referências nos estudos sobre globalização. Essa obra pode ser sintetizada como contendo três grandes elementos: o papel da ciência e do direito na reversão da relação entre emancipação e regulação na modernidade; a disputa entre formas hegemônicas e contra-hegemônicas de globalização nos campos da economia, da política e da cultura e por fim o papel dos países do Sul na construção de uma nova ordem política global. Em Belo Horizonte essa semana para lançar dois dos seus livros mais recentes, “O Fórum Social Mundial: manual de uso” e “A Universidade no Século XXI”, o professor Boaventura irá proferir uma palestra sobre o tema universidade no auditório da reitoria da UFMG na próxima segunda feira às 9:00 horas. Nesse artigo, iremos explicar a trajetória que fez o professor se concentrar nos temas Fórum Social Mundial e Universidade e Globalização em sua obra recente.

Ciência e Direito na Modernidade

A Modernidade ocidental e o papel da ciência e do direito no seu interior são o ponto de partida da obra do professor Boaventura de Sousa Santos. Tributário de Weber e da Escola de Frankfurt, o autor entende a modernidade como a tensão entre duas lógicas.

De um lado, está a lógica da emancipação constituída pelas formas de racionalidade científica, estético-expressiva e moral. Em cada uma dessas arenas emergiu na modernidade um projeto emancipatório. De outro lado, mercado, estado e comunidade constituíram as três principais formas de regulação social na modernidade. “O princípio do Estado consiste na obrigação política vertical entre cidadãos e Estado. O princípio do mercado consiste na obrigação política horizontal, individualista e antagônica entre os parceiros de mercado. O princípio da comunidade consiste na obrigação política horizontal solidária entre os membros da comunidade e entre associações.” Mas, para Santos, o principal fenômeno da modernidade é representado pelo papel que a ciência e o direito irão assumir nessa configuração. A ciência é parte do grande projeto emancipatório da modernidade que, sem dúvida alguma, sempre envolveu a idéia de um controle ampliado da natureza. No entanto, não é essa a dimensão da prática científica ressaltada por Santos e sim o seu papel na instrumentalização do mundo. Para ele, com “... a rápida conversão da ciência em força produtiva, os critérios científicos da eficácia e da eficiência logo se tornaram hegemônicos, a ponto de colonizarem gradualmente os critérios racionais das outras lógicas emancipatórias.” Assim, o problema da modernidade é que o seu pólo emancipatório rapidamente foi subsumido por um pólo regulatório representado pela associação entre ciência e direito. Esse pólo regulatório impõe uma tensão entre as formas de vida concretas e as formas abstratas através das quais o direito regula a vida social. Tal conflito se manifesta em diversas áreas desde o direito privado, ao direito estatal até o direito internacional em gestação no atual processo de globalização.

Duas questões decorrem dessa análise da modernidade: a primeira é como entender o recente processo de globalização e especialmente as relações Norte e Sul a partir dessa perspectiva sobre ciência e direito e, em segundo lugar, como entender a própria universidade a partir das análises de Boaventura de Sousa Santos sobre a ciência e o conhecimento. Ambas as questões são tratadas nos dois livros acima mencionados a partir de um entendimento particular das relações Norte-Sul no atual processo de globalização.

A Tensão Norte-Sul no Atual Processo de Globalização

Para Boaventura de Sousa Santos, a tensão entre ciência, direito e emancipação se manifesta em particular nas relações Norte-Sul. Nas tensões criadas pela modernidade ocidental, o oriente acabou sendo o lugar no qual se concentraram as tensões culturais e o Sul foi o lugar no qual se concentrou a idéia de subordinação sócio-econômica, tornando-se gradualmente periférico no sistema econômico mundial. Assim, o Sul é a região na qual os problemas da expropriação, da supressão, do silenciamento e da distribuição desigual de bens econômicos e culturais se apresentam de forma mais acentuada. Mas o Sul também é uma metáfora, no sentido em que aqui se concentram desigualdades que podemos encontrar também no Norte. Se é verdade que essas desigualdades podem ser vistas pelo lado do acesso desigual a bens econômicos e culturais, o que interessa a Boaventura de Sousa Santos é mais o lado cognitivo dessas desigualdades. “O conhecimento técnico-científico preside a globalização neo-liberal e baseia a sua hegemonia na forma credível com que desacredita todos os saberes rivais, sugerindo que

não são comparáveis, em termos de eficácia e coerência, à cientificidade das leis do mercado.” Temos, assim, uma continuação no nível do espaço global da disputa entre ciência e conhecimento desencadeada pela modernidade ocidental. O ocidente não apenas consolidou a racionalidade técnico-instrumental no seu interior, mas ele também a consolidou como um discurso na forma de relação com o não-ocidente. Esse discurso que é parte da legitimação da globalização deve ser entendido como a capacidade que a globalização hegemônica adquire de desqualificar formas de economia, formas de política e conhecimentos rivais como práticas e locais e, por isso mesmo, inadequadas. Coloca-se assim o problema de como constituir práticas contra-hegemônicas nos campos da economia, da política e do conhecimento. Foi nessa busca que Boaventura de Sousa Santos encontrou o Fórum Social Mundial.

O Fórum Social Mundial, como é sabido, é um encontro entre atores sociais do Norte e Sul que tem como base Porto Alegre (onde ocorreram quatro das suas cinco edições) e que se identifica com um conjunto de experiências alternativas que se articularam ali, entre as quais caberia destacar o orçamento participativo e outras formas de democracia participativa. Ao longo dos seus cinco encontros, o FSM passou a agregar um conjunto de outros fóruns, entre os quais cabe mencionar, o Fórum das Autoridades Locais, o Fórum Parlamentar Mundial, o Fórum Mundial da Educação, entre outros. O que chama a atenção do sociólogo Boaventura de Sousa Santos no FSM é a maneira como ele articula experiências alternativas de política, por um lado, e epistemologias alternativas, por outro. Para ele, o conjunto de experiências alternativas postas em evidência pelo FSM mostram práticas contra-hegemônicas no interior do processo de

globalização que permitem pensar alternativas políticas e econômicas à globalização neoliberal. O Fórum, nesse sentido, é tanto uma alternativa política quanto epistemológica. “A denúncia epistemológica em que o FSM se empenha consiste em mostrar que os conceitos de racionalidade e de eficácia, subjacentes ao conhecimento técnico-científico hegemônico, são demasiado restritivos para captar a riqueza e a diversidade da experiência social do mundo...” Assim, a disputa entre emancipação e regulação, que levou à captura da emancipação pela ciência e pelo direito positivista se desdobram em uma disputa Norte-Sul na qual a unidade ou a diversidade do conhecimento tornam-se ponto central de disputa. É o entendimento que a disputa política da globalização é também uma disputa cognitiva que levou Boaventura a se concentrar não apenas no Fórum, mas também em uma das instituições mais singulares da modernidade, a universidade.

Pluriversidade e globalização contra-hegemônica

A universidade é uma instituição própria da primeira modernidade que tem demonstrado uma notável continuidade. Apenas 85 instituições atualmente em funcionamento já existiam em 1520. Entre elas, 70 são universidades. Mas a universidade também é uma instituição submetida a uma enorme pressão por mudança, pressão essa que se acentuou nos anos 80 a partir de dois processos marcantes: o desinvestimento do estado na educação e globalização mercantil da universidade. Calcula-se que o mercado global de educação seja um mercado de 2 trilhões de dólares. Assim, se é possível apontar uma crise da universidade de longa duração, é possível mostrar que tal crise tem se

transformado em um impasse causado pelo desinvestimento maciço do estado em educação. Pelo lado cognitivo, essa crise tem uma dimensão um pouco diferente. Ela é uma crise da forma tradicional de produção do conhecimento cuja forma disciplinar, hierárquica e dissociada da produção passa a ser questionada em diversos lugares.

A proposta de Boaventura de Sousa Santos é que é possível integrar a universidade em um projeto de globalização contra-hegemônica. Esse projeto, essencialmente político, implica em colocar no mesmo campo, a própria universidade pública, o estado e atores sociais. Esse projeto tem uma dimensão cognitiva. Epistemologicamente a universidade do século XXI deve aceitar a existência de conhecimentos plurais ou do que o autor denomina de ecologia dos saberes. “A ecologia dos saberes é, por assim dizer, uma forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico que a universidade produz e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais que circulam na sociedade.” O objetivo da ecologia dos saberes é obrigar o conhecimento científico a se confrontar com outros conhecimentos para assim, rebalancear aquilo que foi desequilibrado na primeira modernidade, a relação entre ciência e prática social. Dessa maneira, a universidade poderia se transformar em uma pluriversidade na qual a hierarquia do conhecimento disciplinar seria obrigada a dialogar com diversas outras formas de conhecimento que foram deixadas de lado na modernidade tardia. Desse modo, a universidade, assim como outras instituições do sul poderiam estar contribuindo para a constituição de um conhecimento e de uma institucionalidade contra-

hegemônica capaz de limitar o uso que o neo-liberalismo quer fazer do conhecimento científico.

Fecha-se, assim, o círculo da relação ciência, conhecimento e modernidade. Se o Sul foi o lugar da dominação e da exclusão na primeira modernidade, ele se torna no modelo de Boaventura de Sousa Santos o lugar de uma inversão da relação entre conhecimento e globalização. O Fórum Social Mundial, a universidade entre outras instituições são parte desse processo de inversão da lógica de apropriação do conhecimento criada pela própria modernidade e que gerou o abismo entre práticas sociais e conhecimento. A globalização contra-hegemônica realiza assim a sua tarefa de não apenas resistir a mudança mas como diz Boaventura de Sousa Santos responder ao novo com o novo.